

TEXTO:

Agruras e vicissitudes de um terapeuta

- relato de uma experiência paulista em terapia comunitária

Autora: Liliana Beccaro Marchetti - Psicóloga, Psicoterapeuta de Família.

Co-autoras: Lia Fukui - Socióloga e Salete Leite Viana - Assistente Social

Endereço para contato: Rua Campevas, 447 - Perdizes - São Paulo - SP.

CEP 05016-010 - Telfax. 3672 2426

e-mail: Lbmarche@dialdata.com.br

Tema Livre - A pessoa do terapeuta: seus afetos, sua família nuclear e de origem, seus vínculos significativos, sua condição humana sujeita a crises disparadas durante a formação e/ou pelo seu trabalho clínico.

Abstract:

Agruras e vicissitudes de um terapeuta familiar fazendo terapia comunitária - relato de uma experiência paulista em terapia comunitária

Neste relato as autoras procuram mostrar as vicissitudes de suas vivências no trabalho de Terapia Comunitária que vem sendo desenvolvido por elas numa comunidade do bairro do Butantã em São Paulo.

A terapia comunitária desenvolvida pelo Dr. Adalberto Barreto, no Projeto Quatro Varas ligado ao Departamento de Saúde Comunitária da Universidade Federal do Ceará, vem se desenvolvendo no Brasil nos últimos anos com um trabalho bem estruturado na Pastoral da Criança e no Rio Grande do Sul. Esta abordagem vem se mostrando uma alternativa para um trabalho familiar sistêmico na comunidade, saindo do consultório e permitindo que a terapia familiar possa interagir de maneira mais direta com o comunitário.

O enfoque do relato ressalta os limites e dificuldades do terapeuta familiar fazendo terapia comunitária desencadeadas pelo trabalho na comunidade. As terapeutas tiveram problemas para criar um canal de comunicação pelo código ser diferente assim como os valores, regras e os tipos de vínculos que se apresentaram. Além disso, um dos aspectos mais difíceis foi o convívio com o cotidiano trágico, a exclusão e a desagregação que se mostraram comuns na comunidade.

Finalizando tentamos discutir alguns aspectos que a vivência suscitou-nos: Que tipo de terapeuta poderia fazer o trabalho numa comunidade? Quais os recursos e instrumentos pessoais necessários para esse trabalho? Que ideário é necessário nesse trabalho?

INTRODUÇÃO

Este trabalho surgiu da necessidade de compartilhar com os colegas as experiências que tivemos num trabalho de Terapia Comunitária que temos desenvolvido numa comunidade da Capela da Natividade no bairro do Butantã em São Paulo.

A terapia comunitária desenvolvida pelo Dr. Adalberto Barreto, no Departamento de Saúde Comunitária da Universidade Federal do Ceará, vem se desenvolvendo no Brasil nos últimos anos com um trabalho bem estruturado no Projeto Quatro Varas, onde tudo começou, na Pastoral da Criança e com grande desenvolvimento no Rio Grande do Sul. Esta abordagem vem se mostrando uma alternativa para um trabalho familiar na comunidade, saindo do consultório e permitindo que a terapia familiar possa interagir de maneira mais direta com o comunitário.

Vários fatores podem transformar o ambiente familiar num espaço de agressão, violência e sofrimento. Seus membros não sabem o que é amor. Chegam a serem indiferentes a tudo e a todos. Sua experiência de vida é de exclusão do outro, por qualquer diferença que possua. Sua relação com o sistema social é de frustração e também de exclusão. Portanto sentem-se excluídos e privados de sua cidadania. Então às vezes, transgredir regras e normas é uma forma de protestar, de fazer com que os olhos distantes e indiferentes da sociedade se voltem para eles.

*"O maior sofrimento de um indivíduo,
É ser reconhecido como um ser diferente,
É viver sem ser percebido como alguém
original,
É ter que se violentar para poder ser notado."*

As pessoas que vivem em grupos, mesmo as que passam ou já passaram por experiência familiar de desagregação e sofrimento, tendem a se adaptar à vida em comunidade para salvaguardar a própria existência. É o princípio da busca do equilíbrio.

Na nossa sociedade, onde são inúmeros os exemplos de desestruturação familiar, podemos observar que há formas criativas de substituição da família, reforçando assim a necessidade que as pessoas têm de viver em comunhão com o seu semelhante.

Neste trabalho tentamos avaliar como o terapeuta vive esta situação de exclusão e desagregação que é comum nestas comunidades e quais as repercussões disso no seu trabalho e na sua vida.

DESENVOLVIMENTO

A convivência com o cotidiano trágico que as comunidades de periferia vivem é no mínimo desesperador, estas pessoas estão expostas a toda sorte de situações, tais como tiro, espancamento, roubo, desrespeito, miséria, sujeira, doenças, drogas, e assim por diante. Daí uma dificuldade grande de mobilizá-los percebem-se como excluídos, desagregados se conhecem de vista, mas não se falam, sentem-se incapazes de fazer diferente.

Colocar-se como igual, tentar e ser um elemento da comunidade, na tentativa de dar conta de entender segundo o ponto de vista deles a sua queixa e o seu argumento. As dificuldades do terapeuta para criar um canal de comunicação por verificar que o código é diferente assim como os valores, regras e os tipos de vínculos que se apresentam. Criando inclusive problemas de compreensão e entendimento, desencontros e desentendimentos.

Expor o que incomoda e dar-se conta que não há críticas e sim compreensão e troca. Dar-se conta de que ouvem o que tem a dizer e que consideram útil o que é dito, parece ser inusitado e torna-se um milagre, "*uma pílula mágica*" (sic).

O trabalho começa a configurar-se quando estas linhas principais se delineiam e dão lugar à possibilidade de troca, os que começam a perceber que podem ser úteis aos outros e recebem dos outros também, que ocorre uma troca independente do estatus social e que sua experiência de vida tem importância e pode ser útil para outros.

Os conteúdos da família são discutidos em praticamente todos os encontros, mostrando a função e a necessidade que esta tem de estruturar a comunidade.

Ser terapeuta numa comunidade de periferia nos coloca frente a situações inusitadas. A TV nos mostra a tragédia que a população carente vive, mas o que a TV mostra parece pouco quando você entra em contato com esta realidade.

O que vem nos surpreendendo que não é à toa que as drogas tomam conta das favelas ou das comunidades mais carentes. Nossa observação encontrou uma população absolutamente carente à mercê de qualquer ajuda, pois nem a Igreja chega até ela, algumas favelas tem um suporte religioso, não a maioria.

Eu trabalho há muitos anos com essa população nas instituições que prestam serviço à saúde e pensei que seria menos difícil para mim por isso.

Mas enganei-me.

CONCLUSÃO

Então tentamos discutir:

Que tipo de terapeuta pode fazer um bom trabalho numa comunidade carente?

- Com formação em terapia comunitária;
- Aquele que já foi excluído de alguma forma, pois pode ajudá-los a sair deste estado;
- Aquele que possa enfrentar o cotidiano trágico para procurar junto "*a luz no final do túnel*";
- O TC deve ser se possível da comunidade, pois só pode entrar com o trabalho e ser aceito se houver um elo. Isto é, a comunidade tem que conhecê-lo;

Quais os recursos e instrumentos necessários para esse trabalho?

- Visão sistêmica da vida;
- Um norte social que sustente;
- Conhecimento da vida emocional do humano;
- Acreditar não crer;

Que ideário é necessário?

- Social;
- Psicológico;

Os limites, as dificuldades, os encontros e desencontros, as diferenças, enfim os problemas que ocorreram no decorrer do trabalho fizeram que crescêssemos como pessoas e humanizássemos ainda mais.

BIBLIOGRAFIA

- BARRETO, A - *Manual do terapeuta comunitário da pastoral da criança* - Movimento Integrado de Saúde Mental Comunitária - Universidade Federal do Ceará - Departamento de Saúde Comunitária, 1997.
- BARRETO, A; Boyer, JP - *O Índio que vive em mim - O itinerário de um psiquiatra brasileiro* - São Paulo, Terceira Margem, 2003.
- FERNANDES, Florestan - *Comunidade e sociedade no Brasil*. São Paulo. Editora Nacional, 1975.
- MARTINS, José de Souza - *A sociedade vista do abismo. Novos estudos sobre exclusão, pobreza e classes sociais*. Petrópolis. Vozes, 2002.
- MINUCHIN, P; COLAPINTO, J; MINUCHIN, S - *Trabalhando com Famílias Pobres* - Porto Alegre, 1999 - ARTMED Editora